

Prefácio

Pedro Angelo Pagni
Alexandre Simão de Freitas

Como citar: PAGNI, P. A.; FREITAS, A. S. Prefácio. *In:* PERENCINI, T. B. **Educação, filosofia e magia:** uma anarqueologia do cuidado de si entre o Daimon e os sonhos. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 11-14. DOI:

<https://doi.org/10.36311/2020.978-65-5954-001-3.p11-14>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

PREFÁCIO

O pensamento tardio de Michel Foucault tem tido grande repercussão no mundo acadêmico após as publicações de seus últimos cursos no *Collège de France* e de sua obra póstuma. O sentido alvissareiro produzido por esses cursos foi o de explorar ainda mais o paradigma erótico postulado por Foucault e outra concepção ética do sujeito decorrente de seu olhar sobre a cultura greco-romana. Esse movimento em seu pensamento deu um contorno atualizado às interpretações de Pierre Hadot sobre a Filosofia Antiga, um tanto controversas do ponto de vista historiográfico, mas que acentuam uma conotação ético-política de seu pensamento, complementando as suas teses sobre a governamentalidade e a sua analítica do poder. Com esse retorno à Antiguidade, o projeto filosófico foucaultiano indica um caminho interessante para problematizar os processos de subjetivação do tempo presente e para visibilizar eventuais focos de resistência no cenário neoliberal da biopolítica, porém, induzindo seus leitores a certos anacronismos.

No campo educacional, esses anacronismos são relativamente comuns na recepção desse Foucault tardio e, particularmente, na interpretação do que se compreendeu por cuidado de si (*epimeléia heau tô*) como categoria estratégica daquela problematização, ao ponto de chegarem a nosso ver a certa saturação no âmbito dos estudos filosófico-educacionais e da educação filosófica ou do ensino de Filosofia no Brasil. Não obstante a abertura produzida em tal recepção para repensar as discussões acerca da formação humana e os sentidos da educação filosófica

promovida pelo ensino de Filosofia, há aspectos limitantes das interpretações correntes e possibilidades ainda inexploradas.

Seguindo essas possibilidades ainda inexploradas, o livro *Educação, Filosofia e Magia: uma anarqueologia do cuidado de si entre o daimon e os sonhos*, de Tiago Brentam Perencini, enseja experimentar na relação entre as artes da filosofia e da magia uma outra educação filosófica. Para isso, recorre à noção foucaultiana de filosofia como exercício espiritual e como um conjunto de práticas que compreendem a ocupação de si em sua gênese antiga. Para o autor, algumas técnicas da magia desempenham papel de destaque, desenvolvendo o que denomina de uma anarqueologia, que lhe permite elaborar certa genealogia dessa relação para, concomitantemente, problematizar a forma como aparece na biopolítica do tempo presente. Como a magia foi reificada por uma racionalidade econômica e encampada ao fetiche do consumo no curso da história ocidental, ao ser recuperada com sua força arcaica, erótica e silenciada, ela pode se insurgir contra essa racionalização.

Como consequência, o próprio modo como a arte filosófica foi manejada fez com que fossem abandonadas suas pretensões críticas e, especialmente, a atitude que a presidia como um exercício de coragem que ultrapassa a face cognitivista do trabalho de si. É nesse contexto que Tiago Brentam vem nos apresentar uma possibilidade filosófica que é transversal à própria concepção iluminista de crítica, onde as práticas do filosofar poderiam despertar de seu sono dogmático e humanista para transpor o exercício intelectual da crítica como uma experimentação de si centrada numa ascese espiritual e num cuidado em que o sujeito ético é posto à prova, fazendo ventilar os humores vitais e temperar os desejos.

A aposta de Tiago Brentam não deixa de ser surpreendente. Propor uma aliança entre a filosofia e a magia significa ir de encontro à própria

constituição dos modernos e sua recusa em partilhar o advento da animação com os demais seres que compõem os mundos que habitamos. A maquinaria antropológica empregada, nas sociedades ocidentais, para produzir um estado de exceção pressupõe expropriar, cercar e reservar o território dos que são reconhecidos como autênticos sujeitos daqueles que tão somente *estão* sujeitos. O pensamento e as práticas mágicas colidem com as entidades fundantes da teologia política ocidental, pois como advertem tanto Silvia Federici como Ailton Krenak, desanimizar tem sido o mote do processo sistemático de precarização e docilização das diferentes formas de vida. A magia, nesse contexto, é uma forma sutil de recusa e uma base para resistências móveis e múltiplas, uma potência de deriva capaz de rearticular um passado recalcado contra um regime predatório e policialesco de subjetivação.

Por meio de certa terapêutica filosófica, caberia à magia, em seu registro alquímico, depurar os humores e auxiliar a filosofia numa espécie de cartografia dos sonhos para, então, promover outras formas de subjetivação e fomentar novos modos comuns de viver juntos na diferença. Com essa dimensão do uso de si postula-se assim um caminho político em que a educação filosófica confere visibilidade a formas de subjetivação insurgentes, remontando às resistências dos corpos e a uma face erótica dessa atividade.

Dessa forma, o percurso do livro nos convida a experimentar uma outra educação filosófica em que essas forças e as potências do *daímon* engendrem modos de existências capazes de resistir à sua apreensão pelos dispositivos biopolíticos neoliberais. A esse experimento de outra educação filosófica, proposto por este livro, convidamos os leitores a pensar como se em tal atividade toda uma formação em Filosofia fosse posta à prova, interpelando seus modos de existência, assim como as práticas daqueles

que exercem a docência, evidenciando criticamente a sua face demoníaca, mágica.

Agradecemos, por fim, ao privilégio de prefaciar este livro, resultante de uma tese de doutorado sob nossa orientação.

Marília/Recife, 04 de setembro de 2020.

Pedro Angelo Pagni (FFC/UNESP)

Alexandre Simão de Freitas (UFPE)